

Redouté,



*Buquê. Aquarela em
pergaminho (1839) –
não publicada*

o Rembrandt das Rosas

Um dos maiores pintores britânicos, ele preferia imortalizar uma pétala em vez de um príncipe

JANET GRAHAM

ESTAVA o pintor no jardim da Imperatriz Josefina, em Malmaison, dando um retoque no cálice de um delicado botão de rosa, quando ouviu passos marciais atrás dele: «Continua pintando flores, Monsieur Redouté?», perguntou Napoleão. «Por que é que um artista com seu talento



*Rosa sulfúrea (Rosa sulfurea),
extraída de As Rosas*



Buquê de amores-perfeitos (Viola tricolor, var. Hortensis), extraído da Coleção das mais belas flores

não retrata os grandes homens da história e os episódios heróicos?»

Pierre-Joseph Redouté explicou com diplomacia a Sua Imperial Majestade que não estava suficientemente preparado para se tornar um pintor de assuntos históricos, mas que, em contrapartida, ia tentar ser uma sumidade no campo que escolhera.

Foi o que ele conseguiu. Chamado o «Rembrandt das Rosas» e o «Rafael das Flores», Redouté é hoje considerado um dos maiores pintores botânicos de todos os tempos. Suas aquarelas estão guardadas como tesouros em museus, bibliotecas e palácios, e são procuradas no mundo inteiro pelos conhecedores abastados. Hoje em dia, uma aquarela original de Redouté pode atingir dez mil dólares nos mais importantes leilões de arte do mundo.

Redouté viveu numa época em que os botânicos estavam empenhados no estudo das plantas recentemente descobertas na Austrália, América, Japão, Índia, China e África, trazidas para a Europa e registradas por artistas especializados. Ele era o maior desses artistas. Embora seu nome vá ficar sempre ligado às rosas, ele é respeitado pelos botânicos de todo o mundo por suas reproduções rigorosamente fiéis de centenas de espécies diferentes.

Era um trabalho em que a arte e a ciência se combinavam. De fato, enquanto o pintor de flores decorativas só precisa de se preocupar

com a estética, o artista botânico tem de reproduzir fielmente cada um dos pormenores da anatomia da planta. Para este, a raiz é tão importante quanto a flor. Precisa de cortar o caule para revelar a seiva que há no interior e de retratar a planta em todas as suas fases, do botão à flor, da semente ao fruto.

Redouté atingiu essa perfeição — e prodigiosamente. Produziu cerca de três mil pinturas de flores originais e ilustrou mais de 50 livros sobre plantas.

No entanto, esse criador de beleza nada tinha de belo. Um amigo descreveu-o como tendo «uma figura atarracada, membros elefantinos, grande cabeça achatada como um queijo flamengo, lábios grossos e dedos nodosos». As pessoas, contudo, adoravam-no, pois ele era encantador, de grande sensibilidade, nobreza de caráter e de uma dedicação indispensável para aprimorar seu gênio.

Pierre-Joseph Redouté nasceu em 1759, em Saint-Hubert, nas Ardenas. Segundo filho de uma pobre família de decoradores, cedo revelou sua aptidão para pintar e um fervoroso interesse pelas flores, que ele chamava de «estrelas da terra». Saiu de casa aos 13 anos para viver precariamente como pintor itinerante. Aos 23, foi para Paris, onde então passou a ajudar seu irmão Antoine-Ferdinand a desenhar cenários.

Nascido no campo, Redouté gostava de passar seu tempo livre



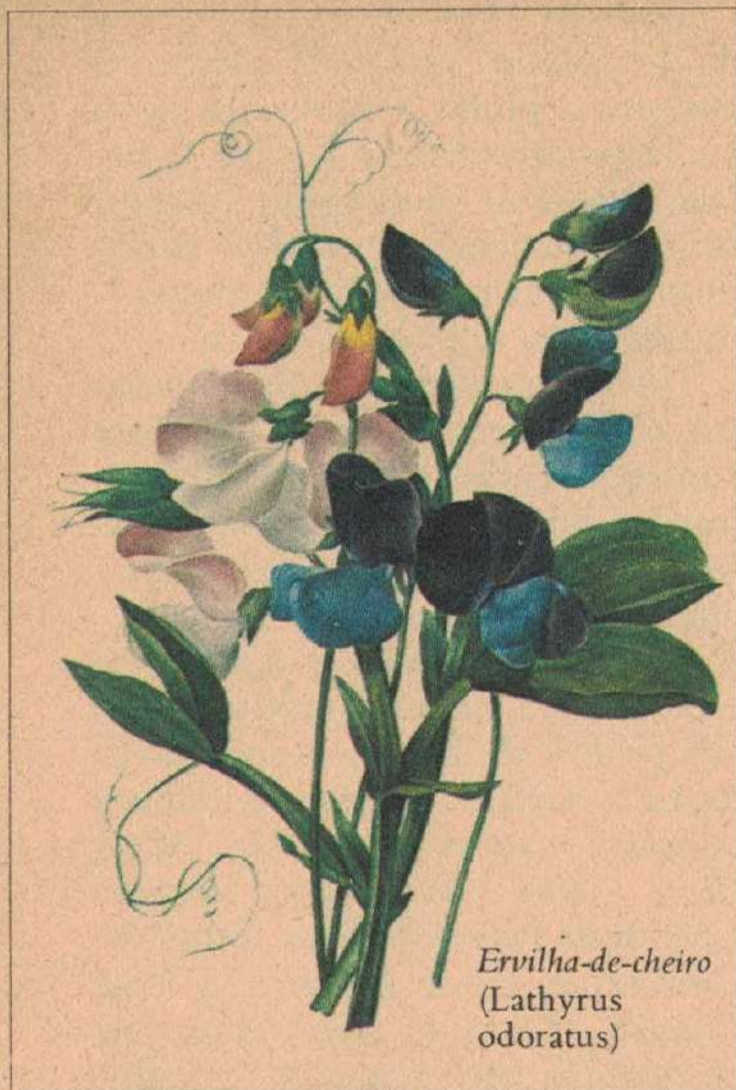
Flor de açafão
(*Crocus sativus*),
extraída de Coleção
das mais belas flores

INSTITUTO HUNT DE DOCUMENTAÇÃO BOTÂNICA



Rosa-de-cem-folhas (Rose
centifolia, var. Bullata),
extraída de As Rosas

BULLOZ PETIT PALAIS, PARIS



INSTITUTO HUNT DE DOCUMENTAÇÃO BOTÂNICA

desenhando no tranqüilo Jardim do Rei (hoje, Museu Nacional de História Natural). Seus desenhos chamaram a atenção do rico botânico amador e juiz da Suprema Corte de Justiça Charles l'Héritier de Brutelle, que ensinou a Redouté a ciência da dissecação e do desenho em botânica, e o persuadiu a se consagrar exclusivamente às flores. Era o começo de uma colaboração frutuosa, com l'Héritier redigindo os textos para os livros de botânica e Redouté produzindo as ilustrações a partir das quais eram então feitas gravuras a traço.

Por fim, l'Héritier apresentou Redouté a Gerardus Van Spaendonck, que tinha a seu cuidado a Coleção de Velinos, uma série especialmente encomendada de pinturas de plantas e de animais e que constituía um dos tesouros da Biblioteca Real. Com Van Spaendonck, Redouté aprendeu a complexa técnica de pintar em velino (pele de fetos de vitela), de superfície não absorvente. Tornou-se de tal maneira perito nesse trabalho que, pouco depois, Van Spaendonck o tomava a seu serviço.

Aos 27 anos, Redouté casou-se com uma jovem de origem modesta, Marie-Marthe Gobert, que lhe deu três filhos. Só seis anos mais tarde, quando chegou a Paris sem um tostão, foi contratado para desenhista do gabinete da Rainha Maria Antonieta. Durante o período agitado da revolução francesa, Redouté teve licença para continuar pintando. Em dezembro de 1793, ganhou um concurso público para o lugar vitalício de pintor oficial de plantas dos Velinos Reais, hoje chamados Coleção de Velinos e guardada no Museu de História Natural. Os cientistas mostravam-se ávidos de sua colaboração. Com o botânico suíço De Candolle, publicou *Histórias das Plantas Carnudas*, magnífica coleção na qual usou pela primeira vez a técnica da gravura a pontos (sistema de gravação, em chapas de cobre, com pontos em vez de linhas), o que tornava possível a obtenção dos mais delicados tons.

Por volta de 1799, Redouté conseguiu um novo e influente patrono – Josephine, a extravagante mulher do General Bonaparte, que encheu os jardins e a suntuosa estufa de Malmaison com as mais raras plantas dos Velho e Novo Mundos. Cerca de 200 espécies, anteriormente desconhecidas na França, floresceram em Malmaison (entre elas o eucalipto, a magnólia, a dália, o rododendro), assim como novas variedades de rosas, pelas quais Josephine tinha especial predileção. Ela o escolheu para ajudar a catalogar essas plantas exóticas, e mais tarde o recompensou com o título oficial de Pintor de Flores da Imperatriz, pagando-lhe o salário principesco de 18 mil francos por ano. Em troca, ele imortalizou-lhe sua coleção de plantas nos dois volumes de *O Jardim de Malmaison*, publicado em colaboração com o botânico francês Étienne-Pierre Ventenat.

Aos 43 anos, no auge de sua carreira artística, Redouté começou a trabalhar na sua obra, em oito volumes e 486 pranchas, *As Liliáceas*. Napoleão ficou tão impressionado com a obra que enviou 80 exemplares a artistas, cientistas e chefes de Estado de toda a Europa, espalhando assim a fama de Redouté. «Hoje», disse o belga André Lawalrée, professor de botânica que dedicou sua vida ao estudo de Redouté, «*As Liliáceas* são consideradas a obra-prima de Redouté e um dos mais importantes livros de botânica já publicados.»

Quando Napoleão se divorciou de Josephine, em 1809, Redouté ensinou a pintar a sucessora desta – a Imperatriz Marie-Louise. O artista, porém, conseguiu manter ótimas relações com ambas as damas e visitou Josephine regularmente até o dia de sua morte.

Talvez em memória da imperatriz admiradora de rosas, Redouté começou então a pintar 170 ilustrações para o livro que iria torná-lo imortal, *As Rosas*; nele já vinham incluídos esboços das variedades de Malmaison e das outras espécies que ele tinha cultivado em seu jardim de Fleury e em outros locais – rosas que tinham nomes curiosos como *Coxa de Ninfa* (*Rosa Alba Incarnata*), *Pequeno Chapéu de Napoleão* (*Rosa Centifolia Cristata*) e, como é óbvio, a *Rosa Redutea*. Durante sete anos, na companhia do botânico amador Claude-Antoine Thory, Redouté andou procurando rosas, visitando parques e roseirais e escrevendo para rosicultores de toda a Europa.

As Rosas, publicado em 30 fascículos, começou a aparecer em 1817. Logo desde o início teve brilhante sucesso e sua popularidade nunca se desvaneceu. Recentemente, uma primeira edição foi leiloadada por 300 mil dólares e um fac-símile em três volumes é atualmente vendido na Bélgica por 80 mil francos belgas.

Durante os últimos 16 anos de sua vida, na sociedade parisiense era chique assistir às suas conferências práticas; nelas o público

podia ver o cuidado que ele dispensava ao arranjo de uma simples flor ou de um buquê para a pintura desse dia, com a preocupação de tirar o melhor partido da sinuosidade de uma folha de lírio retorcida, das gavinhas espiraladas das ervilhas-de-cheiro, das delicadas frondes das mimosas, da carnuda solidez dos caules das tulipas. Então, com seus dedos deformados, pegava numa grafite ou num lápis-de-prata e esboçava o contorno de uma flor, completando por fim a pintura com pinceladas incrivelmente rápidas.

Através de sua longa carreira, Redouté manteve sempre o mesmo ritmo tranqüilo, trabalhando à vista desarmada, sem necessidade de óculos ou de lupas.

Então, num dia de junho de 1840, quando o artista já tinha 80 anos, sua filha Marie-Josophe levou-lhe um lírio delicado. Sozinho em seu estúdio, Redouté dispôs o lírio ao lado do cavalete e começou a pintar. Na manhã seguinte, Marie-Josophe foi encontrá-lo ali – vitimado por hemorragia cerebral.

Seu enterro foi assistido por numerosos admiradores, amigos e familiares. Sobre o caixão, colocaram uma coroa de lírios (o emblema da França) e uma de rosas, que era o símbolo de Redouté. Amadas por imperatrizes e rainhas neste mundo efêmero, as flores que ele pintou nunca mais irão murchar nem morrer – conservarão para nós as pétalas do passado já desde há muito tempo caídas.



O DEPARTAMENTO Central Soviético Para Fornecimento do Governo e o Comitê Estatal de Publicações editaram recentemente 500 mil exemplares em cada tiragem de sete livros muito populares que estavam esgotados, a fim de serem vendidos nas dez maiores cidades da União Soviética. No entanto, devido à crise de papel, para comprar um exemplar, cada pessoa tem que entregar ao Estado 20 quilos de jornais velhos no ato da compra. De acordo com cálculos feitos pela Rádio Liberdade, de Munique, mesmo deduzindo o papel usado para os livros novos e o que se perde no processo de reciclagem, o programa deve render mais de 50 mil toneladas de papel de jornal, ou mais de 13% do total anual da produção de papel.

É interessante salientar que todas as sete obras escolhidas são ideologicamente neutras, e que só há um livro russo entre elas, um clássico moderno. Os outros seis volumes são os *Contos de Fadas*, de Andersen (em dois volumes); uma coletânea das aventuras de Maigret, por Simenon; *O Cão dos Baskervilles*, de A. Conan Doyle; e um romance de mistério da época vitoriana inglesa, *A Mulher de Branco*, de Wilkie Collins.